

Resenha Bibliográfica

CASTRO, Eduardo Viveiros de Araweté: O povo do Ipixuna. São Paulo, CEDI, 1992. 192 pp

*Clovis Cavalcante**

Embora fruto de uma pesquisa antropológica de fôlego, o agradável livro de Eduardo Viveiros de Castro, Araweté: o povo do Ipixuna, constitui uma versão, digamos "popular". de sua tese de doutorado (feita no Museu Nacional), sobre um dos povos indígenas brasileiros menos conhecidos (haverá algum bem conhecido?!), os Araweté, grupo tupi-guarani de caçadores e agricultores. Viveiros de Castro quis registrar para os estudiosos dos problemas dos primitivos habitantes do Brasil, especialmente "para o público não especializado", o que ele havia escrito de modo mais denso em sua tese, defendida em 1984 e publicada em 1986 (Araweté os deuses canibais. Rio de Janeiro, Zahar/ANPOCS, 744 pp). Conseguiu fazê-lo sem perder o rigor e de forma didática e cuidadosa, mostrando a realidade de um mundo incrivelmente diferente do nosso e situado bem na nossa porta. Na verdade, essa tem sido a percepção de quem convive

com os nativos brasileiros desde que Pero Vaz de Caminha, em sua bela carta ao rei de Portugal, na chegada da frota de Cabral a Porto Seguro, em abril de 1500, captou a visão dessa gente que habitava o país desde muitos milênios, antes que a Europa enviasse para cá seus exploradores: a da enorme diferença entre o índio "primitivo" e os brancos "civilizados". A respeito dos Araweté, Eduardo Viveiros de Castro mostra como "*Conviver com os Araweté é uma experiência fascinante. Poucos grupos humanos, imagino, são de trato tão ameno, e convívio tão divertido (p. 154)*".

Ao longo do livro, que se lê com o maior interesse, é essa a impressão que fica de um povo. que só conseguiu ter contatos oficiais com a sociedade brasileira em 1976. Aliás, como sempre nesses casos, através de uma experiência traumática descrita no livro, em que a aldeia Araweté teve de deslocar-se em penosa marcha de 100 km pela mata, durante 17 dias, do rio Xingu até o Alto Ipixuna (no Pará), ao fim da qual pelo menos 66 pessoas (um terço da tribo) haviam morrido, dizimados por conjuntivite infecciosa, gripe e falta de alimentação adequada. As pessoas iam ficando pelo caminho, insepultas, agonizantes ou simplesmente deixadas à própria sorte pelos guias da FUNAI, que não tinham paciência e queriam chegar logo ao destino. E comovente a des-

*Economista, Superintendente do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco em Recife.

crição no livro dessa desgraça, cujo simbolismo não pode passar despercebido como indicação da brutalidade do modo civilizado de tratar com sociedades ditas primitivas.

Mas o propósito do idôneo trabalho de Eduardo Viveiros de Castro não é propriamente denunciar as mazelas da civilização ou exaltar as virtudes da vida primitiva. Antes, o que o autor pretende é oferecer uma visão de um povo tupi da Amazônia, com características próprias e um modo de vida absolutamente sustentável. Meu interesse pelo trabalho do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro reside exatamente aí, porquanto o paradigma que rege a existência das tribos indígenas da Amazônia oferece a quem se dedica ao estudo do desenvolvimento sustentável lições altamente positivas. No capítulo do livro intitulado "O Modo de Vida", Viveiros de Castro, sem pretender discursar sobre o tema da sustentabilidade, evidencia como os Araweté sabem não só viver nos limites do possível, mas fazê-lo bem, alegremente, com um mínimo de artefatos e sem sobrecarregar a capacidade de sustentação do meio ambiente. Trata-se de um modelo de organização, e exploração da natureza, que permite a manutenção do grupo social e, ao mesmo tempo, sua reprodução, conservando-se as riquezas naturais - e evidentemente os mistérios que o índio percebe no seu ambiente preservado. De fato, não falta comida para os Araweté e

sua aparência é saudável e de boa nutrição. Esse era seu estado quando tiveram a má sorte de se contaminarem de conjuntivite - de uma conjuntivite braba para pessoas tão indefesas como essas, em face das doenças dos brancos.

Viveiros de Castro fala das origens, do contexto e das bases culturais dos Araweté. Dá-nos referências para entender a língua desse povo - salientando, inclusive, a natureza de povo monolíngue dos Araweté, em face não só de seu isolamento como de sua desnecessidade de aprender o português, língua que bem poucas pessoas na tribo conseguem dominar. Mas esse atributo tende a se enfraquecer, inclusive porque se delinea uma invasão do território araweté por parte de madeireiras interessadas no mogno que o grupo preservou até hoje, invasão essa materializada através da derrubada clandestina de árvores a partir de 1986 e só detectada em maio de 1988. O não-domínio pelos Araweté do idioma português se acompanha de igual desconhecimento de conceitos e aspectos fundamentais da cultura nacional - como dinheiro, Estado, propriedade, tabus sexuais, divisão do trabalho, miséria, dominação (p. 166), o que reforça a tremenda diferença cultural que deles nos separa. O sistema de casamento e formação da família entre os Araweté constitui neste aspecto um enorme fator de diferenciação. Viveiros de Castro detém-se sobre a questão seguindo os bons padrões

da análise antropológica, retratando traços do grupo em tela como os de seu sentido da individualidade e, nele, da posição diluída da autoridade. Registra o autor:

"Os Araweté são um povo orgulhosamente individualista, refratário a qualquer forma de "coletivismo" e de comando, onde as pessoas se recusam a seguir as outras, preferindo ostentar uma independência obstinada. Aos olhos ocidentais, sempre preparados para julgar as coisas sob o ângulo da "coordenação" e da "organização", sua vida dá uma singular impressão de desordem e descaso... O líder areweté é o que começa, não o que comanda; é o que segue à frente, não o que fica no meio" (pp. 66-67).

Habitando numa região do estado do Pará de baixíssima densidade demográfica, entre o Médio Xingu e o igarapé Ipixuna, onde a navegabilidade é ruim, os Araweté mantiveram-se isolados, feito que lhes assegurou situação geral boa de saúde (p. 22). O que os moveu para mais próximo dos brancos (chamados kamarã em sua desconhecida língua) foi um ataque dos Parakanã, que vivem na mesma região, em janeiro de 1976, forçando-os a migrarem para as margens do Xingu, onde a FUNAI os foi encontrar com a saúde já minada pelo contato com brancos da área. Foi um garoto com conjuntivite que involuntariamente transmitiu a doença aos índios. A esse tempo, estando enfraquecidos pela perda de fontes de sustento tradici-

onais na fuga dos Parakanã, a FUNAI, em busca de novo local de aldeia para eles, levou-os a fazer a desastrada marcha que produziu uma "catástrofe demográfica" entre os Araweté (p. 154). Ao visitá-los pela primeira vez em 1981, no início de sua pesquisa, Eduardo Viveiro de Castro já os encontrou em condições recuperadas e vivendo sua forma isolada e tradicional de vida. Mesmo a despeito de envolvimento dos Araweté com a FUNAI, é notável ainda hoje a maneira como se mantém a cultura do grupo. Sua religião, suas relações sociais, os valores simbólicos de sua cauinagem, o modelo de subsistência desses índios, tudo isso encontra-se preservado e exposto com clareza no livro. Tem-se aí uma fotografia de seres humanos vivendo em tempos históricos distintos dos nossos, sem que, para obtê-la, o autor tenha recorrido a clichês que romantizam a vida primitiva. Na verdade, o que ele fez foi, com as categorias da moderna antropologia, mostrar como nasce, vive, morre, como faz amor, diverte-se, passeia, sonha, reza, dança, canta, ri o homem - e a mulher - araweté. Viveiros de Castro consegue oferecer-nos tudo isso de modo descomplicado e atraente (apesar de pequenos equívocos, talvez tipológicos, do livro). Não é por outra razão que a Editora da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, publicou, em inglês e em versão modificada pelo autor, a tese de Eduardo Viveiros de Castro, e que se recomenda Araweté: o povo do Ipixuna à leitura.